

Clara Saraiva  
Simone Frangella  
Irene Rodrigues

## Introdução

# Mobilidade e lugares da morte

Como é que se morre em movimento? E como é que se recriam lugares de pertença a partir dessa morte em movimento? Numa sociedade ocidental em que a morte se tornou um tabu, e que é pensada como algo que só acontece aos outros, este distanciamento face ao último rito de passagem da vida pertence à esfera do mito e do preconceito – a suposta invisibilidade da morte. Mas a morte levanta questões que se prendem com a mobilidade dos indivíduos mas também com a criação de lugares de pertença e de ligação com os espaços de origem.

Num mundo globalizado, como morrem os imigrantes, sempre em movimento entre os seus países de origem e os seus destinos migratórios? Apesar do interesse suscitado pela recente condição de Portugal e da Europa enquanto país e continente de imigração e de toda a investigação realizada nesse âmbito, têm sido negligenciadas algumas questões importantes relacionadas com os estados de sofrimento e morte – «estados de aflição» – dos imigrantes. A morte, em particular, é um tema difícil mas crucial que não tem sido tocado nos estudos sobre imigração.

Como é que os imigrantes percecionam a morte e a incorporam na conceptualização da diáspora? Como é que os diferentes grupos de imigrantes conceptualizam o sofrimento e a morte nos outros grupos? Como é que os portugueses e os outros europeus olham para a morte dos imigrantes, um assunto pouco discutido mas que gera preconceitos e mistificações variadas?

No entanto, para os próprios imigrantes, é uma realidade com que têm de lidar e que frequentemente determina o tão ambicionado regresso temporário a casa. A morte é aqui vista não apenas como um momento no tempo, mas como um processo, que envolve estados emocionais específicos e que desencadeia o uso de rituais para lidar com a inevitável angústia que tende a adquirir aspetos ainda mais complicados quando se está longe de casa.

Nos vários capítulos deste livro analisaremos os níveis múltiplos que a morte toca, desde os mais simbólicos aos mais práticos. A morte é uma dimensão onde a abordagem transnacional é obrigatória – juntamente com o debate crítico sobre o sentido do «transnacional» e as suas características multifacetadas – já que encerra uma intensa circulação, não apenas de bens materiais e riqueza, mas também de universos significativos e simbólicos que circulam juntamente com os bens e as pessoas: o corpo, mas também os espíritos e as relações com o outro mundo que as pessoas trouxeram para a diáspora. Presos numa condição liminar, parte dos dois mundos – o de origem, e o território novo a que se tentam adaptar –, muitas vezes nostálgicos e desejosos de uma justificação para voltar a casa, é muitas vezes a morte que desencadeia o movimento: ou a morte de alguém deste lado, que obriga a que o corpo seja enviado de volta, ou a morte de um ente querido no local de origem. Tal circulação representa um luxo que se torna real através de movimentos de solidariedade baseados em associações de imigrantes ou em formas de solidariedade intergruppal.

Esta obra pretende desconstruir o que acontece aos mortos imigrantes e olhar a «gestão da morte», incluindo representações simbólicas bem como aspetos práticos, que incluem o que acontece aos imigrantes que sofrem em vida e as práticas de saúde em vigor nos países de acolhimento, as estatísticas nacionais sobre a morte e os processos legais para repatriamento dos corpos. O livro salienta a heterogeneidade da emigração portuguesa e europeia, e foca grupos de imigrantes oriundos de vários quadrantes geográficos e culturais – da Guiné-Bissau, Cabo Verde, Senegal, Brasil, Bangladesh e China. Só pela confrontação e comparação entre as várias formas de pensar a morte podemos começar a compreender as constantes e as disparidades que caracterizam tais grupos e trazer inovação para o debate sobre a condição dos imigrantes enquanto populações vulneráveis mas também resilientes. E essa resiliência pode e deve ser analisada do ponto de vista da forma de conceptualizar o que todos têm de mais certo – a morte –, e a certeza de que a continuidade das relações entre mortos e vivos engloba os que ficam em casa e os que emigram, unindo assim migrantes e não-migrantes, separados por distâncias físicas, mas não simbólicas.

A obra inclui igualmente textos mais reflexivos sobre a morte em espaços diferenciados (como Timor-Leste ou Madagáscar) e ainda alguns mais teóricos sobre a conceptualização humana da morte. Para além do contexto migratório, há outros movimentos que importa pensar, envolvendo a relação entre a produção de lugares e a morte. Em torno do tema, movimentam-se não apenas corpos, mas discursos, bens, sítios de

sepultamento, resultando na construção de lugares da morte. Estes são, por sua vez, lugares sociais de extrema relevância para o entendimento de processos e conflitos de ordem política e de violência social e institucional. Questões relacionadas com as afirmações de identidade nacional, à reivindicação de pertenças territoriais e do reconhecimento da pessoa através da evidência da morte configuram movimentos e lugares construídos através e a partir dos mortos.

O livro está dividido em quatro partes: Parte I: Morte: teorias em movimento; Parte II: Circulação transnacional de espíritos, corpos e rituais; Parte III: Morte, migração e saúde; Parte IV: O lugar e os lugares da morte.

Após uma introdução por João de Pina-Cabral, a Parte I inicia-se com um texto de Maurice Bloch, intitulado «A morte e o que se lhe segue: a imobilização dos mortos e a migração». É uma análise da relação entre o orgânico, o inorgânico e os lugares da morte. A partir do seu argumento de que a morte é um momento em que esta conexão ocorre, e de que a migração envolve a relação do orgânico (pessoas) com o inorgânico (a terra sobre a qual eles se movem), o autor leva-nos numa viagem através da etnografia de Madagáscar e do que acontece com os Malagasy que emigram e morrem fora dos seus locais de origem.

No capítulo 2, Anastasios Panagiotopoulos parte de um manifesto escrito por Johannes Fabian em 1973 sobre a tendência da antropologia para «parochializar» e «exotizar» a morte para propor um entendimento da morte como mediador, nas suas dimensões mais dinâmicas. Este texto pretende, além disso, explorar as particularidades e os desafios teóricos que a morte nos pode proporcionar, nos chamados contextos «transnacionais».

Eric Gable, no capítulo 3, fala-nos da governabilidade e das noções de passado e futuro de alguns costumes funerários dos Manjaco da Guiné-Bissau, pensando nas relações entre morte, pertença e lugar da morte. Com exemplos que nos levam do tempo da ocupação colonial portuguesa no século XIX até à atualidade presente dos imigrantes guineenses em Portugal, este texto constrói-se em torno da já conhecida teoria antropológica de que o que se faz com os cadáveres, em termos rituais e práticos, reflete e ordena a identidade e autoridade social.

Na Parte II, mergulhamos no tema da invisibilidade da morte dos imigrantes, onde Irene Rodrigues (capítulo 4) nos conduz numa etnografia em busca da morte que é também um exercício de desconstrução do mito da «não-morte» dos imigrantes chineses em Portugal. Já Sol Tarrés e Jordi Moreras (capítulo 5) tratam a visibilidade da diversidade étnica e religiosa nos cemitérios espanhóis dando profundidade histórica à «morte dos outros» em Espanha.

Em seguida, José Mapril (capítulo 6) foca a reorganização simbólica produzida pela morte de alguém, e a partir da história de uma família luso-bangladeshí, analisa especificamente as mudanças decorrentes do estatuto de viuvez e as formas de gerir essas mudanças entre migrantes do Bangladesh.

Por último, no capítulo 7, Maria Beatriz Rocha-Trindade aborda o modo como a concretização da vontade que expressa o desejo relativamente ao regresso definitivo ao país natal se processa, no caso dos emigrantes portugueses. A autora analisa assim as circunstâncias em que se processa a «última viagem», e as formas de ritualização e materialização do regresso a casa dos corpos desses emigrantes.

A Parte III tem início com uma apresentação, da autoria de Violeta Alarcão, Filipe Miranda, Elisa Lopes e Rui Simões (capítulo 8), dos resultados do inquérito que identifica os fatores associados à ansiedade face à morte dos portugueses e em imigrantes residentes em Portugal. Através de modelos multivariados, cruzaram-se variáveis que permitiram demonstrar as formas e os níveis de ansiedade perante a morte. Já no capítulo 9, Andreia Jorge Silva, Joana Ferreira Duarte, Violeta Alarcão e Clara Saraiva tratam das causas de morte das pessoas provenientes de Guiné-Bissau, Bangladesh, China, Brasil e Cabo Verde com nacionalidade portuguesa. Através de dados quantitativos, foram recolhidos e analisados dados fundamentais para a Saúde Pública, a fim de ajustarem o planeamento de saúde às especificidades culturais, sociais, étnicas, genéticas ou outras.

Finalmente, na Parte IV («O lugar e os lugares da morte»), António Medeiros aborda no capítulo 10, «Encontros com a morte no Noroeste», a circulação de costumes funerários e as representações folclóricas da morte entre o Minho e a Galiza. O fluxo de bens referentes à celebração da morte e da promoção da celtofilia nesta zona fronteiriça promove diferenças e semelhanças culturais em disputa, desafiando discursos de pertença nacional. Ottavia Salvador analisa no capítulo 11 os diferentes lugares da morte de imigrantes em Itália através da produção dos discursos públicos e das experiências dos migrantes no processo de repatriação de corpos, trazendo à tona os processos de silenciamento e de invisibilização da gestão destes processos. Para encerrar esta secção, o texto de Rui Graça Feijó e Susana de Matos Viegas examinam no capítulo 12 a relação entre os túmulos de ancestrais e de mártires da nação e a pertença territorial em Timor-Leste. O reenterramento de corpos para sítios que conectam casas, ancestrais e heróis marca a construção de lugares da morte como indicadoras da experiência vivida contemporânea em Timor-Leste.